



TORNAR-SE CORPO: CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DOS REFLEXOS DE GÊNERO NOS PROCESSOS EDUCATIVOS

Become Body: Gender Reflections in the Construction of Educational Process

Douglas Rosa da Silva

Thayane Cazallas do Nascimento

Resumo

Tornar-se é encontrar-se. Considerando a premissa, temos a escola incluída em um cenário em que o encontro do/a aluno/a consigo mesmo/a é inevitável: nela, as construções são pautadas por aquilo que olhamos, escutamos e sentimos; o que implica no processo de experimentaliz-*ação*. Pautada no dever da interação, o ambiente escolar, muitas vezes, se atrapalha nas medidas educativas capazes de interligar *ser* e *fazer*, o que acarreta, por vezes, na reprodução de uma moral vigente – que, por si só, é desrespeitosa, cínica e baseada na exclusão. O trabalho cujo nome é “Tornar-se Corpo: Construção e Desconstrução de Gênero nos Processos Educativos” traz a luz os ciclos básicos da vida, que são *nascer*, *tornar* e *encontrar* sob dois prismas: aquele que passa pelos reflexos da desconstrução e aquele que não passa. No jogo de comparação criado dentro do trabalho, usamos o método comparativo-analítico sustentado pela revisão de literatura que perpassa a escrita feminina e se encaminha até autores do âmbito educacional que, junt@s, constroem idealizações acerca do que é educar para subsidiar o *tornar* e o que é educar para oprimir o *vivenciar*. Com isso, nosso objetivo é ampliar, ancorados na metodologia literária e experiências de vida, respostas possíveis para as perguntas: como os processos educativos podem revogar o sentido de construção do corpo, criando, desse modo, uma pedagogia alternativa capaz de desmoralizar uma falsa concepção? Que ferramentas podem ser desenvolvidas para o combate da pseudo-moralização? Que outros campos poderiam se aliar ao espaço pedagógico para que o resultado dessa luta se efetivasse com mais rapidez? Na conclusão,

retomamos as etapas dos ciclos básicos da vida e evidenciamos que, *se tornar* também é *fazer nascer* instrumentalização capaz de sustentar a semântica e complexidade da palavra *Educ-AÇÃO*.

Palavras-chave: Gênero. Educação. Identidade.

Abstract

Becoming is finding yourself. Considering the premise, we have the school included in a scenario where the meeting the student himself is inevitable: in it, the buildings are guided by what we look, listen and feel; which implies the process of experiencing. Guided the duty of the interaction, the school environment often cannot link the identity and experience of the student, resulting sometimes in the reproduction of a prevailing moral - which in itself is disrespectful, cynical and based exclusion. Thus, our goal is to expand, anchored in the literary methodology and life experiences, possible answers to the questions: how educational processes may revoke the body's construction of meaning, creating thus an alternative pedagogy able to demoralize a false conception? In the conclusion, we offer alternatives for teaching, proposing thus a new reflection about gender and education.

Keywords: Gender. Education. Identity.

Considerações Iniciais

Nossa experiência na escola nem sempre remete ao ideário de uma boa e significativa experiência. Por vezes, enquanto alunos/as, nos sentimos não contemplados pela falácia e atitude de um ambiente que mais nos deforma, do que forma. Portanto, supõe que a propagação do discurso heterogêneo e patriarcal impera em muitas das salas de aula, causando, desse modo, uma verdadeira alienação em bases que são construídas pelos/as estudantes, considerando que este primeiro contato deles com a escola, é um contato pautado na descoberta, no experimento, no revelar de novos de novos mundos.

Desse modo, o presente artigo que tem por título *Tornar-se Corpo: construção e desconstrução de reflexos de gênero nos processos educativos* apresenta uma relação entre a experiência vivida em sala de aula, numa escola da região nobre de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e a revisão literária de autores/as que debatem, em suas obras, as noções de

gênero no ambiente escolar, visando, da maneira posta, ampliá-la e (des)construí-la, a partir de práticas possíveis de serem realizadas na ação de ensinar.

Almejamos não apenas ser uma mais pesquisa que agrega educação e gênero, mas objetivamos, para muito além do que aqui se elucida, fornecer cada vez mais instrumentos de reflexão para os discentes; pois a educação, como suporte inicial de crianças e adolescentes, precisa cada vez mais estar alinhada com indagações e questionamentos que permitam e promovam a visão crítica tanto do/a professor/a quanto do/a aluno/a.

A primeira parte de tornar-se: *experimentaliz-ação*, entre o idealismo e o realismo da prática educativa

Temos formulado e abordado, ao longo de outros trabalhos apresentados dentro desta temática, conceitos que abrangem a prática da experiência vivida e sentida tanto empiricamente quanto teoricamente. Nomeamos este dado de *experimentaliz-ação*, que remete à ideia de toda e qualquer forma de encontro entre duas linhas opostas dentro de um estudo. Mas qual a importância de experimentar a partir da ação num trabalho que propõe investigar e interrelacionar gênero e educação? Ora, temos a leitura como um modo de pré-ação, pois ela nos capacita para uma imersão na ação, que é a prática de viver com e/ou ao lado de. À vista disso, a definição exata de *experimentaliz-ação* salienta que experimentar a (própria) ação é a conferência realizada entre o plano das ideias e o plano físico, o encontro em que o concretismo, embora não pensado e imaginado, se une ao abstrato, ainda vago e indefinido, mas sempre sentido.

Neste sentido, se a escola desvia das pautas relacionadas ao gênero e seus processos, logo ela está se ausentando e ausentando o/a discente, principalmente, de um repensar sobre a relação com o seu próprio corpo. Não pensar o corpo é não olhar para si como um elemento de mundo. Não pensar o corpo é servir sempre para o mundo e não com ele, afinal, seguimos o que está instituído e não nos oportunizamos um redesenho a partir daquilo que realmente somos. Sob esta realidade irreal pregada e defendida no modo de se fazer escola, a pesquisadora e antropóloga Maria Luiza Heilborn, na escrita do artigo *Construção de si, Gênero e Sexualidade*¹, sinaliza que

¹ HEILBORN, Maria Luiza. "Construção de si, gênero e sexualidade". In: HEILBORN, Maria Luiza. (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999.

[...] a Antropologia tem chamado a atenção de que estas realidades são apenas aparentes. Trata-se de uma ilusão de que compartilhamos com os outros seres humanos uma mesma condição fundada na existência do corpo, do sexo, no sentido de existirem machos e fêmeas, e da sexualidade. Na verdade, isso passa sempre e necessariamente por uma simbolização, por uma construção cultural e social específica.²

A mera reprodução de um símbolo antropológico não deve ser considerada como alternativa no planejamento escolar. A crítica, antes de tudo, supera paradigmas estruturais já postos e nosso trabalho, como professor, é amplamente gratificante quando negamos a reprodução e preconizamos a indagação. Mesmo sem estar consciente da falta de reflexos que o trabalho com a discussão sobre gênero nos traz, por vezes, ao optarmos pela mera reprodução, contribuimos mais com a estetização de um elemento excludente do que pela função essencial que a escola que é de humanizar e inter-relacionar diversidades e riquezas.

A heterogeneidade existe nas escolas, dentro delas e também nas salas de aula porque existe na vida social externa. A educação também é causa de diferenças ou da acentuação de algumas delas. Nós, professores e professoras, participamos da diversificação e da homogeneização, da equiparação e da desigualdade.³

A citação acima só complementa e alimenta a ideia explicitada nesta primeira abordagem do trabalho. Assim sendo, este primeiro tópico só reforça que o primeiro passo que temos que tomar, na condição de mediadores de aprendizagens, é equilibrar a visão idealista e a visão realista da educação em sociedade que oferecemos em sala de aula. É inevitável que aprendemos, constantemente, a administrar ações educativas que possibilitam espaços para a discussão sobre a(s) pluralidade(s) presente em nossos/as alunos/as, pois não existem fórmulas que nos ensinem, o que existem são leituras e coletivos variados que nos instrumentalizam. Ficar entre a realidade que constrói e o idealismo que prega pelo escapismo e homogeneidade depende, unicamente, de nossa escolha.

Por conseguinte, Paulo Freire⁴, pai de novas perspectivas educacionais, defende uma educação problematizadora, situada no conceito de “*educação libertadora*”, despertando no aluno sua vocação ontológica, ou seja, fazê-lo/a sujeito da própria realidade. O questionamento que fica, dentro deste primeiro tópico, é: estamos nós oportunizando

² HEILBORN, 1999, p. 43.

³ SACRISTÁN, José Gimeno. A construção do discurso sobre a diversidade e suas práticas. In: *Atenção à diversidade*. ALCUDIA, Rosa (Org.). Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 115.

⁴ FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Editora Paz e Terra, 2014.

uma educação livre de amarras ou apenas estamos substanciando o encarceramento em nossas práticas educacionais?

A segunda parte de tornar-se: o corpo, templo da performance

A fim de trazer embasamento teórico para uma discussão acerca da abordagem do corpo em sala de aula, iniciamos este segundo tópico discorrendo, novamente, sobre a necessidade de inserir o corpo na formação de professores/as e alunos/as. O machismo e outras violências de gênero que acontecem tanto internamente quanto externamente ao ambiente escolar, não são retratos de uma ilusão distante, como explicamos no primeiro tópico. Para tanto, é preciso ir ao cerne do preconceito, é preciso ir ao cerne da problemática em torno do(s) corpo(s), a fim de desmitificar a não existência de dilemas de gênero na escola. Na leitura de *O Poder do Macho*, de Heleieth I. B. Saffioti⁵, encontramos que enfrentar o preconceito é desconstituir e fazer força para constituir um novo sistema de poder que agregue aquilo que não está contemplado nas relações vigentes. Segundo a autora,

É evidente que os preconceitos estão presentes. Todavia, eles não representam todo o fenômeno de dominação de uma raça sobre a outra e da subordinação de uma categoria de sexo a outra. Mais do que isto, o preconceito não é sequer a dimensão mais importante do fenômeno em apreço. Ele simplesmente acoberta, esconde, dissimula relações de poder que não mereceram suficiente atenção, no momento histórico adequado.⁶

Dentro da concepção de corpo, podemos interligar a noção que Pierre Bourdieu⁷ traz, ressaltando que a construção e as expressões da masculinidade e da feminilidade são variáveis e plurais no espaço. Assim, feminilidade e masculinidade não apresentam um significado fixo: são representações sujeitas a disputas políticas pela atribuição de significados. Todavia, se os significados dos gêneros não são estáveis, a divisão de gênero parece universal. O que produz e reproduz, então, os gêneros?

A busca por uma coerência que explique exatamente o gênero, nada mais é do que uma rigidez inventada para satisfazer uma estrutura de poder. Sendo assim, quanto mais alimentamos ideias que pregam a hegemonia situada entre o homem e a mulher, mais estamos fornecendo elementos para a proliferação do preconceito e do imaginário

⁵ SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo. Moderna, 1987.

⁶ SAFFIOTI, 1987, p. 91.

⁷ BOURDIEU, Pierre. *La miseria del mundo*. Madrid: Ediciones Ákal, 1999, p. 124.

unicamente patriarcal. Quanto mais analisamos a nossa condição biológica no mundo sob uma ótica da experiência e da identidade, mais estamos nos tornando (nosso) corpo e menos somos projeção de um corpo arquétipo e irreal.

No livro intitulado *Problemas de Gênero*, publicado no Brasil em 2003, Judith Butler, de maneira geral, pretende historicizar o corpo e o sexo, dissolvendo a dicotomia sexo x gênero, argumento que fornece às feministas possibilidades limitadas de problematização da “natureza biológica” de homens e de mulheres. Para Judith Butler⁸, para, em nossa sociedade, uma contaminadora “ordem compulsória” que exige a coerência total entre um sexo, um gênero e um desejo/prática que são obrigatoriamente heterossexuais, eliminando, assim, todos os outros.

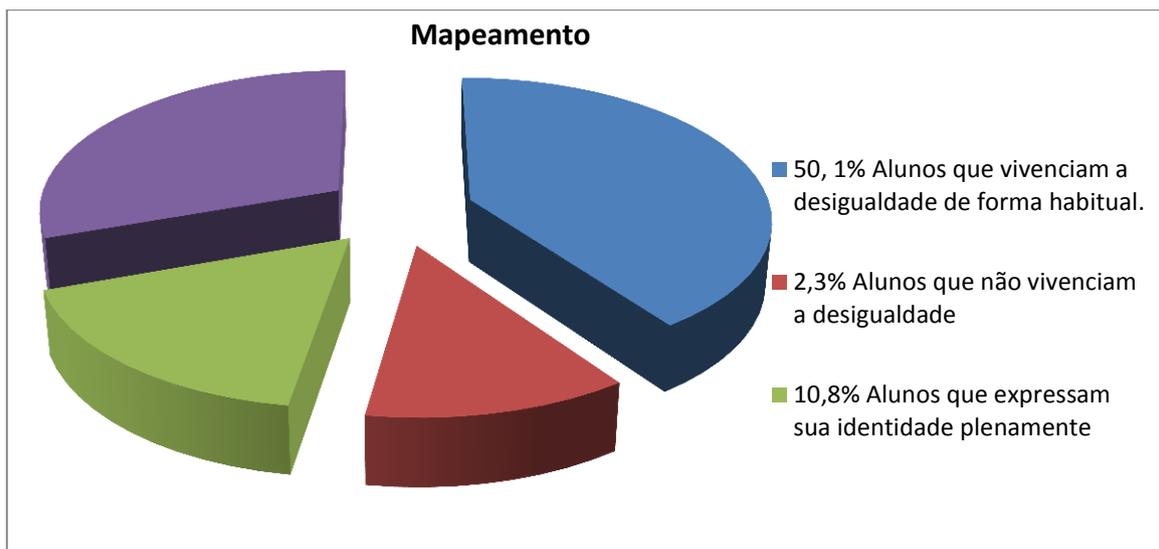
A terceira parte de tornar-se: a pesquisa como ferramenta de análise

Como já mencionado, tivemos a parte empírica desta pesquisa, realizado entre março e abril do ano de 2015, numa escola de educação básica da rede estadual de ensino, localizada em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.⁹ Como parte da pesquisa, utilizamos um questionário aplicado entre o 6º ano (duas turmas) e o 7º ano (uma turma), atingindo exatamente 86 alunos, sendo 40 meninas e 46 meninos. Com isto, almejamos coletar dados que demonstram a visão que os alunos têm sobre o próprio corpo e o(s) corpo(s) alheio(s); principalmente, focando em indagações que tratassem do ensino de gênero na comunidade escolar.

Antes disso, foi levantada uma pesquisa estatística que levantou quatro grupos a partir de quatro hipóteses iniciais no questionário realizado. A partir dos resultados, contatamos que:

⁸ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Editora Record, 2003.

⁹ Não foi permitida a disponibilização de dados oficiais da escola, constando apenas, neste artigo, os questionamentos e as respostas que foram obtidas no processo empírico.



Os dados revelam que entre os maiores grupos da escola estão aqueles que vivenciam plenamente algum tipo de desigualdade (seja racial, econômica, entre outras); e aqueles que não expressam sua identidade ou sentem-na mutilada na vivência com outros/as colegas e professores/as cotidianamente. Os números vão de encontro ao pressuposto de que as práticas educativas sobre gênero e identidade, que refletem diretamente no modo de pensar e agir dos/as discentes, não estão versando sobre diferenças, pluralidades e diversidades, uma vez que a maioria dos/as entrevistados não se vê confortável para exibir suas particularidades e características na escola.

Ruth Sabat argumenta que

[...] a educação, compreendida de maneira ampla, é um dos processos mais eficientes na constituição das identidades de gênero e sexual. Em qualquer sociedade, os inúmeros artefatos educativos existentes têm como principal função com/formar os sujeitos, moldando-os de acordo com as normas sociais.¹⁰

Na hipótese do/a discente não se ver refletido em seu próprio processo de aprendizagem, como temos no caso desta análise, é possível retomar o conceito de ausência que reforça que há práticas que ao invés de incluir eliminam identidades que poderiam estar no encadeamento de se tornarem através da educação.

É importante salientar, neste tipo de análise, que a escola, em muitos casos e situações, não reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas ela própria as produz. Isso revela a importância em usar estratégias que não

¹⁰ SABAT, Ruth. *Gênero e sexualidade para consumo*. Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 148.

apenas retornem o modo de ordem compulsória pregado por Butler¹¹, mas que se apropriem da discussão do pensamento hereditário, visando sua integral desconstrução.

A quarta parte de tornar-se: discussão acerca das dúvidas que demarcam - e desafiam - o ensino das identidades de gênero na escola

É normal que em uma pesquisa como esta, que visam responder a uma pergunta, tenhamos dúvidas iniciais e saímos dela com ainda mais questionamentos e pontos para refletir. Sendo assim, elencamos aqui três grandes indagações que não só nos fazem pensar e repensar em todo processo até aqui alcançado, como também nas futuras escolhas que estaremos fazendo e oportunizando para futuros professores em sala de aula. Com isso, as perguntas que ficam e que enriquecem ainda mais a nossa discussão enquanto pesquisador e pesquisadora são: (a) como os processos educativos podem revogar o sentido de construção do corpo, criando, desse modo, uma pedagogia alternativa capaz de desmoralizar uma falsa concepção? (b) que ferramentas podem ser desenvolvidas para o combate da pseudo-moralização? E (c) que outros campos poderiam se aliar ao espaço pedagógico para que o resultado dessa luta se efetivasse com mais rapidez?

A quinta parte de tornar-se: conclusões acerca dos reflexos de gêneros nos processos educativos e (possíveis) impactos no âmbito social

Consideramos que o trabalho com identidades de gênero nas escolas é sempre complexo – e, portanto, exige dinamismo e re-preparação o tempo todo é fundamental que as estratégias adotadas auxiliem os alunos numa compreensão universal de quem são refletindo também na sociedade, que passa a ter suas estruturas desafiadas com a disseminação de um novo pensamento.

Para Rosely Sayão,

[...] a escola também se constitui num importante agente nesse campo. Não é apenas nas portas de banheiros, muros e carteiras que se inscreve a sexualidade no espaço escolar. Ela invade por completo essa “praia”. As atitudes dos alunos no convívio escolar, o comportamento entre eles, as brincadeiras e paródias inventadas e repetidas, tudo isso transpira sexualidade. Ao não reconhecer essas múltiplas

¹¹ BUTLER, 2003.

manifestações, é como se a escola realizasse o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela.¹²

Que a escola use a sua voz não para discriminar, mas para fundar uma perspectiva que englobe os/as alunos/as e suas pluralidades, numa perspectiva que possibilita a construção e desconstrução do corpo livre o tempo todo, a fim de que ele se torne, se crie, se fortifique e, por fim, seja instaurado de acordo com as peculiaridades de cada um. E que o/a professor/a, seja, acima de tudo, agente real de mudança, ofertando uma conduta educativa que reflita a diversidade, a igualdade e, acima de tudo, a humanização.

Referências

Livros:

BOURDIEU, Pierre. *La miseria del mundo*. Madrid: Ediciones Ákal, 1999.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Editora Record, 2003.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Editora Paz e Terra, 2014.

SABAT, Ruth. *Gênero e sexualidade para consumo*. Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, p. 149-160, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth IB. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

Capítulo de Livro:

HEILBORN, Maria Luiza. Construção de si, gênero e sexualidade. In: HEILBORN, Maria Luiza. (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999. p. 40-59.

SACRISTÁN, José Gimeno. A construção do discurso sobre a diversidade e suas práticas. In: *Atenção à diversidade*. ALCUDIA, Rosa (Org.). Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 110-124.

SAYÃO, Rosely. Saber o sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, p. 97-115, 1997.

¹² SAYÃO, Rosely. Saber o sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997. p. 112.